

Da história para a literatura: a guerra em várias dimensões

De la historia a la literatura: la guerra en varias dimensiones

Damião de Lima
Daniela Maria Segabinazi
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa, Paraíba, Brasil

Resumo

O tema central deste artigo é um dos elementos mais presentes e intrigantes da trajetória humana ao longo do tempo, a guerra. Considerado tema fraturante, nossa experiência tem demonstrado que está muito presente na cultura juvenil e estabelece nexos com a cultura escolar, de maneira direta e indireta. Influenciada pelas distopias e jogos digitais, a guerra acaba se apresentando com um ar glamorizado e impessoal, o que, de certo modo, a desumaniza, levando ao não questionamento dos seus sentidos mais atrozes. Desse modo, partimos dos fatos e contextos apresentados pela história e buscamos na análise do projeto gráfico, das ilustrações e do diálogo entre texto visual e verbal, as abordagens que dão destaque à dimensão humana nessa tragédia. As obras analisadas são *Fumaça* (2011), de Antón Fortes; *A guerra* (2018), de José Jorge Letria; e *Caçada* (2021), de Fernando Vilela.

Palavras-chave: Literatura infantil; Livros ilustrados; Guerra.

Resumen

El tema central de este artículo es uno de los elementos más recurrentes e intrigantes en la historia de la humanidad: la guerra. Considerado un tema sensible, nuestra experiencia nos demuestra que está muy presente en la cultura juvenil y se conecta, directa e indirectamente, con la cultura escolar. Influenciada por distopías y juegos digitales, la guerra acaba presentándose con un aire glamoroso e impersonal que, en cierto modo, la deshumaniza y contribuye a que no se cuestionen sus sentidos más atroces. De este modo, partimos de los hechos y contextos que presenta la historia y, a través del análisis del diseño gráfico, las ilustraciones y el diálogo entre texto visual y verbal, buscamos los enfoques que resaltan la dimensión humana de esta tragedia. Las obras analizadas son *Fumaça* (2011), de Antón Fortes; *A guerra* (2018), de José Jorge Letria; y *Caçada* (2021), de Fernando Vilela.

Palabras clave: Literatura infantil; Libros ilustrados; Guerra.

Introdução

A guerra sempre esteve presente na história humana. Quando transformada em conteúdo disciplinar a ser ministrado no âmbito da história, no sistema educacional, ela é sempre apresentada com destaque em suas dimensões política, geográfica e econômica, mesmo quando aparecem questões sociais e culturais, estão sempre ancoradas nas três primeiras questões postas acima. Nesse sentido, dialogar com obras literárias traz algo diferenciado, pois prioriza as questões sociais e, nestas, o aspecto psicológico, humano.

A literatura possibilita um intercâmbio que pode enriquecer muito a abordagem da história. Mas, não só com a história. A intersecção da literatura se dá também com a filosofia, a psicologia, a sociologia, isso para ficar só na área de humanidades. No entanto, neste escrito, daremos ênfase à relação entre esta e a história. Para tal desiderato, buscamos três obras literárias, indicadas para crianças e adolescentes (mas não só!), que têm a guerra como eixo central e trazem em seu escopo a abordagem de um tema caracteristicamente psicológico, social, individual ou coletivo que através da guerra foram mobilizados e, ao fazê-lo, apresentam-na em uma dimensão para além das abordagens históricas. As três obras analisadas são: *Fumaça* (2011), de Antón Fortes; *A guerra* (2018), do escritor português José Jorge Letria e ilustrada por seu filho André Letria; e *Caçada* (2021), do escritor e ilustrador Fernando Vilela. As categorias de análise partem da leitura e exploração do projeto gráfico, das ilustrações e do diálogo entre o texto visual e verbal, com apoio teórico das autoras Maria Nikolajeva e Carole Scott (2011) e Sophie Van der Linden (2011).

Desse modo, o artigo está dividido em quatro seções, além da introdução e das considerações finais, a saber: a primeira trata da visão sobre a guerra na perspectiva da história; a segunda apresenta obras da literatura infantil que tematizam a guerra, seguida da terceira parte, que analisa as três obras citadas anteriormente. Fechando o escrito, a última parte discute a obra *A guerra* (2018) como possibilidade de aplicabilidade no universo escolar, tanto nas aulas de história como nas aulas de literatura, ou o que é mais interessante, em uma parceria interativa entre as duas disciplinas.

A guerra em suas várias dimensões

A guerra é uma atividade multifacetada, pode-se dizer que, em razão dessa característica, talvez não seja possível descrevê-la em todas as suas dimensões. Em sendo assim, quanto mais elementos forem agregados à sua análise, mais completa será a

compreensão do que ela representa. Como afirmado anteriormente, a primeira grande modificação causada pela guerra é o desequilíbrio econômico que atinge todos os envolvidos, embora, com prejuízos maiores para os derrotados. Esse é o primeiro aspecto que coloca a necessidade da complementaridade entre a literatura e a história. Em geral, na história, a narrativa é feita pelos “vitoriosos”, nesta são descritos e destacados seus feitos e ganhos e esquecidos os sacrifícios que foram impostos a todos os envolvidos, independente de quem sai vitorioso ou derrotado. Nessa narrativa, apresentada no campo da história, é dificultada a análise minuciosa dos aspectos que levaram determinado grupo à vitória e a situação é ainda mais complicada para os setores “perdedores” na guerra. Estes são postos como vilões ou simplesmente silenciados.

Ao abordar as consequências da guerra para todos os envolvidos e particularizando ou humanizando esses dramas do antes, durante e pós-guerra, a literatura abrange sobremaneira sua percepção.

Outro fator ampliado pela abordagem literária é a questão política. As disputas e interesses políticos que aparecem nos relatos históricos dão a saber sobre as artimanhas e negociações mais gerais, envolvendo chefes de estado, militares e, quando muito, alguns grupos políticos mais organizados, que apoiam ou condenam a guerra. No entanto, pouco se aborda acerca do cidadão comum que, em essência, é o mais atingido, independente se a sua nação ou facção ganha ou perde a guerra. Ao expor o cotidiano desses personagens e as transformações que lhes são impostas, a literatura, mais uma vez, apresenta uma outra possibilidade de leitura e compreensão do belicismo para além do ambiente onde a guerra é decidida. O cenário em que se dão as decisões políticas não são os mesmos onde as guerras, de fato, ocorrem. É a literatura que cuida de expor as ocorrências do enfrentamento e as consequências diretas das decisões tomadas em um espaço e concretizadas em outro.

Por fim, e não menos importante, temos a questão geográfica. A redefinição de fronteiras é exposta nos livros de história de forma fria e automatizada. Os vencedores impõem aos vencidos e ao mundo como um todo uma nova geografia. Ou seja, ocupam-se ou anexam-se novos territórios, partilham a terra antes ocupada pelos vencidos e desenham-se novos riscos com cores nos mapas. Não aparecem, nesses relatos históricos, as consequências devastadoras que passam a ser vivenciadas pelos seres humanos, pessoas comuns que anteriormente ocupavam essas áreas. Entre essas mazelas geográficas e que

acabam tendo consequências políticas, econômicas, sociais e culturais, está o êxodo ou a imigração.

A história da imigração se confunde com a história da humanidade e sempre ancorada em dois fatores que se complementam, embora nem sempre atuem na mesma proporção. Trata-se dos fatores de atração, ou seja, para onde se está migrando e os fatores de expulsão, que são as circunstâncias que forçam a migração ou mesmo a emigração, fatores esses que vêm sempre acrescidos de outros elementos, como demonstra essa citação de Clifford J. Jansen:

A migração é um problema demográfico: influencia a dimensão das populações na origem e no destino; é um problema econômico: muitas mudanças na população são devidas a desequilíbrios econômicos entre diferentes áreas; pode ser um problema político: tal é particularmente verdade nas migrações internacionais, onde restrições e condicionantes são aplicadas àqueles que pretendem atravessar uma fronteira política; envolve a psicologia social, no sentido em que o migrante está envolvido num processo de tomada de decisão antes da partida, e porque a sua personalidade pode desempenhar um papel importante no sucesso com que se integra na sociedade de acolhimento; e é também um problema sociológico, uma vez que a estrutura social e o sistema cultural, tanto dos lugares de origem como de destino, são afectados pela migração e, em contrapartida, afectam o migrante (Jansen, 1969, p. 60).

Esses deslocamentos populacionais, motivados por esses dois fatores, sempre estiveram presentes na história humana, e um forte fator de atração ou expulsão que perdurou e ainda tem sua relevância na atualidade é a questão climática. Com o tempo, essa questão natural foi acrescida de outros elementos impostos pela ação humana, como é o caso do Brasil, onde as condições climáticas e a posse da terra nas mãos de latifundiários atuaram como fator de expulsão, como afirma Darcy Ribeiro:

No Brasil, vários processos já referidos, sobretudo o monopólio da terra e da monocultura, promovem a expulsão da população do campo. No nosso caso, as dimensões são espantosas, dada a magnitude da população e a quantidade imensa de gente que se vê compelida a transladar-se (Ribeiro, 1995, p. 199).

Enquanto o desenvolvimento econômico, com o crescimento das grandes cidades, atua como fator de atração, essa junção foi responsável por grandes ondas migratórias intrarregionais que reconfiguraram a nação em seus mais variados aspectos. A posse de bens essenciais por uma minoria e a expansão da miséria para muitos, levando milhões de pessoas a abandonar seus lugares dentro do mesmo país, é uma das facetas ou um tipo de guerra que ocorre lenta e silenciosamente.

No entanto, na atualidade e em diversas partes do mundo, o deslocamento em massa de populações tem sido cada vez mais frequente e tem nas guerras internas ou externas sua causa principal. Não iremos abordar a relação da guerra com o sistema econômico vigente. Não é objetivo deste artigo. Entretanto, se faz necessário registrar que o sistema capitalista, em sua fase atual de mundialização, é o principal agravante de todos os fatores de expulsão que levam a esse descentramento do sujeito. As disputas por regiões onde se encontre alguma fonte de lucro para as grandes corporações estão cada vez mais presentes. As regiões cobiçadas rapidamente são transformadas em zonas de guerra para benefícios de poucos e misérias de milhões de pessoas.

Para alcançar seus objetivos, as grandes corporações lançam mão de diversas formas de guerra. Desde a conquista de setores da população que se tornam sócios menores em grandes projetos e enriquecem em detrimento da maioria, passando por bloqueios econômicos, destruição ambiental, imposição cultural e, finalmente, o extermínio físico de quem se opõe ao que o grande capital denomina de progresso. Esse extermínio, dependendo dos interesses envolvidos e da resistência oferecida, pode ser individual ou coletivo, e o princípio elementar para se chegar ao grande ápice é a fomentação da cultura do ódio. Nesta, os interesses e até a existência de determinada pessoa ou agrupamento político, teoricamente, coloca em risco a existência de outro agrupamento. Não importa que, até então, tenham convivido pacificamente. Para construção de tal irracionalidade, os mais diversos aspectos que distingam um grupo do outro são postos em destaque, de forma que seja impossibilitado o debate de ideias, que se inviabilize o diálogo e que floresça o rancor a tal ponto que um grupo sinta a necessidade de eliminar o outro como única forma de manter a sua sobrevivência. Essa é a essência da construção do cenário de guerra que é pouco captado ou abordado por outras áreas que não a literatura.

Obviamente que a história aborda tais acontecimentos, no entanto, como já foi afirmado, essa abordagem não chega ao nível da individualidade, não retrata os dramas pessoais, ficando, portanto, nos aspectos mais gerais, o que pode ser denominado de uma visão panorâmica. Na parceria com a história, a literatura se apropria desse cenário mais geral da história e, de posse desses conhecimentos, passa a particularizar as situações, colocando em destaque as mazelas, os dramas humanos causados por essa busca desenfreada por riquezas, pela ruptura das fronteiras não apenas políticas, econômicas, sociais e geográficas,

os relatos literários discutem, também, os dramas pessoais e as fronteiras morais. A literatura amplifica a voz de todos os envolvidos, expondo, de um lado, a mesquinhez e a depravação física, ética e moral causada pelos mais diversos interesses e, de outro, os dramas, a dor, o desapego, o amor e a solidariedade das pessoas comuns que são assoladas por essa desgraça. Em síntese, a literatura torna humana a história das guerras, pois, por um lado, provoca em seus leitores um olhar sensível, crítico e de acolhimento às pessoas ali envolvidas e, por outro lado, colabora com uma compreensão mais acessível dos conhecimentos históricos ao promover e aproximar os estudantes de fatos por vezes tão distantes, mas muito reais.

A presença das guerras na literatura para crianças

Na literatura, de um modo geral, é comum a representação de guerras e suas marcas na memória e na vida das pessoas que, direta ou indiretamente, estiveram envolvidas nesses eventos. Infelizmente, como vimos, são fatos que se repetem na história da humanidade e que evidenciam a violência e a incapacidade de resolução de conflitos, na maior parte das vezes, motivadas por desejo de expansão de territórios e exploração de riquezas que, em última instância, aumentam o poder de tiranos e nações.

Na literatura para crianças, é um tema menos recorrente, especialmente, em razão dos cuidados e percepções que se tem da visão infantil, desde o conceito estabelecido em fins do século XVIII, a partir de uma perspectiva ocidental e europeia. Ou seja, ainda que as crianças se encontrem expostas ou envolvidas em situações de risco, como a violência, a exploração do trabalho infantil, o abuso sexual, as guerras, a fome e a miséria, entre outras, os adultos buscam protegê-las desses assuntos, evitando ou mesmo proibindo tal conversa e contato com formas representativas de uma vida real e dolorosa.

No entanto, com menos presença, os temas fraturantes sempre estiveram nas narrativas para crianças. A história da literatura infantil, desde de suas origens, tem nos mostrado como os contos populares, as lendas, os mitos, os contos de fadas e os contos maravilhosos não se furtaram de contar e apresentar às crianças os problemas sociais e humanos que perpassam a infância e a vida adulta. Provenientes de uma cultura oral, trouxeram evidências da vida cotidiana, com crueldade e brutalidade, com exposição aos perigos e também ao que é inerente aos sentimentos humanos, como a inveja, o ciúme, a traição e a maldade.

Na contemporaneidade, sobretudo após os anos 70 do século XX, uma nova luz é projetada nas obras literárias para crianças. Autores/as renovam o fazer estético tanto no campo formal quanto temático e passam a incorporar discussões, até então, mais restritas ao mundo adulto, complexas e difíceis de serem travadas no universo infantil, mas que ali passam a se manifestar. Todavia, é nos anos 90 do século passado e início do século XXI que vamos encontrar na forma mais explícita a representação das guerras, intensificada com a publicação de livros ilustrados, um “gênero inovador e em constante diálogo tanto com o universo das artes plásticas, quanto com o da indústria cultural. Em 2000, esse livro revelou-se como obra pós-moderna, híbrida e intertextual” (Valente; Ferreira, 2020, p. 43).

Desse modo, entre os temas e inovações formais, a guerra passou a fazer parte das narrativas em que os/as escritores/as criaram um espaço de contra-memória “dando referencia y protagonismo a los temas últimamente tan reivindicados en el discurso público y político español —a los muertos en fosas anónimas, a los maquis, a los campos de concentración, a los silencios y a la represión” (Deym, 2007, p. 181/82), conforme Isabelle Gräfin Deym, ao tratar da guerra civil espanhola. Todavia, ainda que a referência se situe na Espanha, podemos ampliar para outros contextos que marcam outras guerras e que, no conjunto da literatura para crianças, realçam a importância de tratar do assunto.

Na atualidade, temos uma boa relação de títulos de livros ilustrados, traduzidos e publicados no Brasil, que apontam para a preocupação em garantir às crianças uma experiência que elas podem vivenciar ou se deparar, assim como propiciam a reflexão a partir da história do outro, ainda que distante geograficamente e temporalmente. Grande parte dessas obras não são publicações nacionais, uma vez que observamos um considerável volume de traduções, entre as quais citamos: *A guerra*, de José Jorge Letria (2018); *Seis homens*, de David McKee (2014); *Fumaça*, de Antón Fortes & Joanna Concejo (2011); *A viagem*, de Francesca Sanna (2016); *Barco de histórias*, de Kyo Maclear (2021); *O muro*, de Peter Sís (2012); *Um outro país para Azzi*, de Sarah Garland (2012); *A cruzada das crianças*, de Bertold Brecht e Carme Vendrell (2014); *O muro no meio do livro*, de Jon Agee (2018); *Diário de Blumka*, de Iwona Chmielewska (2017), entre outros.

Os títulos nacionais, em menor número, compõem com os seguintes destaques: *Amal e a viagem mais importante de sua vida*, Carolina Montenegro e Renato Moriconi (2019); *Um lençol de infinitos fios*, de Susana Ventura (2019); *Refugiados*, de Ilan Brenman e Guilherme

Karsten (2019); *Caçada*, de Fernando Vilela (2012); *Dois idiotas sentados cada qual no seu barril*, de Ruth Rocha (2012) etc. Desse pequeno inventário de livros, é necessário mencionar que nem todos abordam exclusivamente uma guerra, situada historicamente, porém tratam de conflitos, desentendimentos e consequências que o evento provoca; portanto, obras consideradas fundamentais para o conjunto do tema tratado neste artigo.

Por fim, a partir dos fatos e contextos apresentados na história e na literatura infantil nesta primeira parte do texto, passamos às abordagens que dão destaque à dimensão humana nessa tragédia que são as guerras. O objetivo do próximo tópico é apresentar e analisar três livros ilustrados, dois estrangeiros e um brasileiro, para oferecer elementos que possibilitam usos e apropriações em contextos escolares, bem como acentuar o valor emancipatório e crítico da literatura infantil, que nas últimas décadas tem potencializado o respeito a seus leitores e leitoras.

Livros que ilustram guerras

A primeira obra é o livro *Fumaça* (2011), de Antón Fortes, ilustrado por Joanna Concejo e traduzido por Marcos Bagno, cuja primeira edição data de 2009. De um modo geral, o primeiro contato com o livro nos leva para a exploração da capa e das guardas, logo após a folha de rosto e as demais páginas do miolo, uma vez que predominam cores sombrias, como o marrom, o preto e o cinza, intercaladas por tonalidades de azul, branco e amarelo. Também nos chama a atenção a capa dura em formato de um retângulo na vertical e, no miolo, as folhas grossas e lisas em contraste com a pintura e o desenho a lápis de cor, com muitos rabiscos e preenchimentos de cores.

Esse primeiro toque captura nosso olhar para uma capa enigmática, que coloca no centro um manequim um tanto estranho; com tons preto e cinza, temos o corpo/tronco revestido por uma bermuda e paletó, indicando uma provável roupa para meninos; no lugar da cabeça saem galhos em tons pastel e branco e as pernas e pés são compostos de ferros, não há mãos nesse corpo. Ainda, preenchendo de cor toda a capa, temos o predomínio dos tons pastéis com pequenos riscos, muito apagados, de lápis de cor; logo abaixo da imagem central temos o título *Fumaça*, autor, ilustradora e editora. Com isso, já podemos dizer que estamos diante de uma sensação de tristeza, medo e solidão, intensificada pelo título, que desperta preocupação e perigo, fogo.

Logo, as folhas de guarda ampliam as impressões suscitadas pela capa e dão vazão a outras tantas histórias de vidas, perdas, memórias, saudades, nostalgia, vazios... por meio de fotografias em sépia e o papel de seda que as recobre. Surge, então, uma primeira intersecção com a história, ao trazer a representação de um álbum de fotografia, fonte primária bastante utilizada pelos historiadores.

O começo e o fim do livro entremeados pelas páginas do álbum de fotos a ponto de ter as suas páginas de papel seda levantadas nos orienta a pensá-lo como um espaço produtor de imagens de memória, como instrumento contra o esquecimento do mal. Trata-se de uma história dentro de outra história, em *mise-en-abyme*, posta propositalmente entre as páginas do álbum de fotos. Assim, a trajetória das personagens não se apagaria no perverso caminho da condição humana à fumaça; pela memória reinventada via literatura, Fumaça propõe uma história não somente contada, mas partilhada - pois o leitor também precisa, de modo ativo, virar essa página de seda (Pereira, 2017, p. 5095).

Na sequência, está narrada a curta história de vida de uma criança em um campo de concentração. O texto trata dos dramas vivenciados por uma criança e sua mãe, quando a família é arrancada do seu cotidiano e os dois personagens são transformados em prisioneiros de guerra. Na curta trajetória entre a chegada ao cárcere e a subentendida morte da criança em uma câmara de gás, o texto aborda relações e reações que expõem a humanidade dos personagens e a desumanidade da guerra.

Assim como a morte da criança, ficam implícitas, ao longo da narrativa, as outras centenas ou talvez milhares de mortes ali ocorridas, a crueldade dos carcereiros de todos os níveis sociais, desde os representantes da cultura, os músicos que tocavam nas execuções, passando pelos guardas que tinham a função de assassinar, mas que também não tinham escrúpulos de torturar, até o representante da ciência, no caso, o médico, que, com seus exames e laudos, decidia a vida ou a morte de adultos e crianças.

Estamos diante da Segunda Guerra Mundial. Está em evidência a dor, o sofrimento, a crueldade, o genocídio que foi o Holocausto. É pela visão infantil do narrador-personagem que acompanhamos o horror e a barbárie nazista. Na primeira página dupla com texto verbal, somos arremessados a essa memória, em que o menino (sem nome) começa a contar “O trem leva muitos vagões, não é como o que tomávamos para ir à praia. Na estação tem gente com malas. Vamos em fila, em silêncio. Os soldados vigiam” (Fortes, 2011, n.p.). Nas páginas seguintes, pouco a pouco, vamos acompanhando pelo texto verbal, intensificado e fortemente impactados pelo visual, a desumanização da guerra. Somos lançados a uma visão

infantil que nos constrange e aflige ao mesmo tempo que nos comove e nos causa empatia, “Vamos rumo à casa da chaminé. Tem um cheiro horrível, de fumaça. Mamãe me diz que os meninos que entram nela vão direto para o céu, mas eu quero ficar aqui, ainda que tenha fome e sede e passe frio” (Fortes, 2011, n.p.).

Em meio a esse caos, autor e ilustradora conseguem inserir empatia, carinho, proteção, cuidado, amor e amizade, essa última sendo o alento final na narrativa de vida da personagem narradora, interrompida pela insanidade da guerra e sua mais forte aliada, a morte.

A segunda obra é *A guerra*, do escritor português José Jorge Letria e ilustrada por seu filho André Letria. Foi lançada em Portugal em 2018 e publicada no Brasil em 2019. Nesse livro, temos a junção entre história, arte e literatura para sintetizar essa atrocidade de forma escancarada. Alguns dos aspectos mais cruéis do que representa a guerra são aqui expostos em forma de textos curtos e imagens densas.

Nos curtos parágrafos, estão expostos os piores sentimentos despertados dentro e fora dos campos de batalha. Temos, então, sequenciados: a surpresa e a violência da chegada de uma guerra, iniciando pela insensibilidade que lhe é peculiar e o misto de sentimentos que a acompanham, com destaque para a expectativa, o medo, a violência, a ambição, o rancor e os ódios. Todavia, antes de adentrarmos as primeiras páginas do livro, precisamos observar e explorar a capa e contracapa do livro; ambas emolduram um quadro que nos convida a deter nosso olhar junto à enigmática persona que ocupa o cume de uma montanha ou a proa de um navio; essa personagem, com estilo sóbrio e postura rígida, nos conduz à ideia de poder e tirania, uma vez que, com vestes pretas semelhantes a roupas militares e casco na cabeça, lembrando-nos uma armadura medieval, tem seus olhos firmes voltados para a vastidão do mundo. Reforçam a austeridade e a sensação de despotismo as cores pretas na base da montanha ou do casco do navio, também presente na rouparia da personagem e no título do livro no centro da capa, em contraste com um ocre esverdeado e esfumaçado em tons de sépia que envolve a imagem descrita, reforçando as marcas dos espaços e territórios em guerra.

Não sabemos qual é a guerra, mas continuamos a mirar essa zona de conflito, dor, tristeza, angústia e atrocidades ao folhear as próximas páginas. As guardas do livro na cor preta e suas nuances escuras anunciam o breu, a escuridão da noite ou a cortina de fumaça

do fogo, dos estilhaços e bombas que envolvem campos de batalha. A sequência de páginas duplas segue com a paleta de cores acinzentadas que, aos poucos, passa a revelar sinais e rastros do combate ao abrir espaço para cores mais claras, em tons pastéis, mas não menos aflitivas. Há uma continuidade de páginas, somente ilustradas, que intensificam a narrativa até o momento de nos apresentar a personagem principal com a entrada do texto verbal: “A guerra rasga o dia como uma doença sussurrada e veloz” (Letria, 2018, n.p.).

Decretada a guerra como protagonista, os/as leitores/as passam a experimentar, tanto pelo texto visual quanto verbal, todos os sentimentos mais perversos e desumanos que o evento engendra; as atrocidades, abusos, violências, “todos os rostos da maldade que impõe” (Letria, 2018, n.p.). Os escritos abordam o fim da tranquilidade e o pesadelo que a guerra representa para pessoas inocentes, e o despertar dos mais cruéis instintos dos seres humanos. As cenas retratadas ao longo do enredo direcionam nossa percepção e reflexão sobre as inúmeras guerras na história; são referências e pistas deixadas pela ilustração, seus enquadramentos, cenários e paisagens que remetem à primeira e à segunda guerra mundial, mas também a outras disputas territoriais e de exploração econômica, como as cruzadas e impérios na antiguidade.

Cabe retomar, nesse passar de páginas e tempo (narrativo e histórico), a persona da capa. Essa figura soberana acompanha todas as guerras e está presente de forma explícita no comando de todas elas. No livro, a representação desse ser onipotente ocorre pela sua presença na maioria das páginas, sempre com a mesma roupa e postura, ora de costas, de lado ou de frente, sem o rosto, mas em posição de liderança, com as mãos voltadas para trás e, em algumas cenas, em movimento de ordem. O cenário da capa é reproduzido quase ao final do enredo, encerrando também a última aparição do todo poderoso, que agora tem a cena completada pelo texto verbal “A guerra é o estrondo e o caos” (Letria, 2018, n.p.), com a visão de uma explosão ao fundo.

As páginas seguintes ao bombardeio intercalam um jogo de páginas duplas, a primeira, sem texto verbal, nos arremessa a um campo de centenas de milhares de corpos, mortos. Impactados pela cena, no virar da página, somos novamente projetados a outra visão brutal da guerra, mais corpos, montanhas de seres humanos empilhados, desfigurados, e o registro verbal “A guerra é o silêncio” (Letria, 2019, s/d). Com muita sensibilidade e presença estética da arte que provoca e emancipa seu leitor, autor e ilustrador finalizam a obra com as mesmas

páginas que iniciam, que guardam o livro e a história das guerras, com muita angústia e barbárie, mas também a espera de uma nova guerra para contar e tudo se repetir, nos campos ficam as aranhas que tecem suas teias no aguardo de sua presa.

Não menos importante, no enredo de *A guerra*, fica em evidência o fim do diálogo e a presença da censura, do autoritarismo, da tirania, da tristeza e da insensibilidade que se imiscuem como conseqüências inerentes aos conflitos. Todos esses sentimentos vêm acompanhados de sonhos de grandeza e de superioridade em um nível tal de absurdo e irracionalidade que só um ambiente com essa carga de negatividade e de caos é capaz de proporcionar. E, finalmente, como enfatizamos, nas suas últimas páginas e dois últimos parágrafos, o livro aborda o maior de todos os males trazidos pela guerra, o pior de todos os silenciamentos, o mal irremediável, que é a extinção física das pessoas, a morte.

A terceira e última obra de destaque é nacional. Publicado em 2012, o livro *Caçada*, do escritor e ilustrador Fernando Vilela, foi concebido em 2011, influenciando e originando obras de arte que fizeram parte da Exposição *Caçada*, na Galeria Funarte, em São Paulo. De acordo com o autor e artista plástico, muitas ideias do livro e ilustrações se transformaram em trabalhos de arte e foram expostos na galeria em forma de gravura em escala real (Vilela, 2012, p. 64).

Desse modo, podemos constatar, num plano geral, que a obra *Caçada* indica uma abordagem sobre a guerra a partir de desenhos e xilogravuras mais tecnológicas e atuais, certamente interferência da referida exposição, denominada “CAÇADA deslocamentos gráficos”, em que

Vilela se utiliza dos elementos gráficos de postes de luz, de placas de ruas, de faróis de trânsito, entre outros, e dos arquitetônicos das fachadas dos prédios, calçadas, e simbólicos equipamentos, como o Minhocão, para criar um diálogo entre o espaço de fora e o expositivo. Em sua cidade feita de traços e planos, as imagens de dois caças, um F-14 e um F-18, surgem no desenho como uma alegoria à destruição que assombra o tecido urbano dos grandes centros (Vilela, 2011, n.p.).

Na página do artista plástico e escritor, também encontramos a crítica de Paulo Miyada a respeito da exposição, e dali extraímos as técnicas que foram usadas e transferidas para o livro. De acordo com o crítico:

Em *Caçada*, a cidade se apresenta como um personagem em crise, em esfacelamento no embate com, agora sim, um antagonista que assume a forma de caças F-18 e F14. (...) Em *Caçada*, a facilidade do gesto que marca a superfície e o uso intrincado das técnicas de impressão mais contemporâneas se combinam. Textura de madeira, desenho a pincel, linhas vetoriais, cores escolhidas na tela do computador e marcas

de impressão em máquina plotter se mesclam, não para se tornarem indiferenciadas, mas para criar um jogo de revelações e veladuras quando estamos no limite entre a percepção da imagem e o vislumbre de sua fatura (Miyada, *apud*, Vilela, 2011, n.p.)

No livro, em brochura, o formato retangular logo dá destaque à capa e contracapa, que abertas nos colocam diante de listras nas cores brancas e pretas sobre o vermelho em destaque, e na capa o título CAÇADA em letras maiúsculas e na cor preta, manchadas pelas listras, sugerindo o voo vertiginoso dos caças que nos deparamos, posteriormente, na narrativa. A técnica computadorizada nos joga para uma textura fibrosa e saliente das listras que se apresentam na capa e contracapa, se repetindo sem a presença do título na primeira página em que o enredo tem início com o texto verbal “Sempre sonhei viver no céu” (Vilela, 2012, n.p.).

As guardas do livro, em preto e branco, são traços que mesclam uma visão de linhas e sombras impostas pela imagem dos aviões em velocidade no céu, e sugerem a sensação de muito movimento e nervosismo pelas rajadas de vento. Com esse primeiro impacto, forte e vibrante, pelas cores e linhas retas e tortuosas, adentramos numa narrativa que vai do sonho da infância de John para a guerra, “Agora, neste deserto, sobrevo o oásis das minhas memórias. Estou vivendo meu sonho de criança: sou um piloto de caça, na minha primeira missão neste país estranho. Lá embaixo, areia, fumaça, guerra. Inimigos” (Vilela, 2012, n.p.).

Na sequência, pelo texto verbal e, mais adiante, pelas ilustrações, temos a certeza de que não se trata da Segunda Guerra, mas de uma guerra no Oriente Médio. Entra então em cena nessa história um segundo narrador-personagem, Fadi, com os mesmos sonhos de infância de John: “Ninguém pode com minha pontaria! Desde pequeno, sempre fui o melhor arremessador da turma” (Vilela, 2012, n.p.). O destino dos dois personagens e seus sonhos se cruzam.

Os sonhos individuais de John e Fadi, de duas culturas distintas, se entrelaçam quando ambos se veem envolvidos em atividades mortais mediadas pela tecnologia e pela guerra; o primeiro, ao receber a missão de disparo de um míssil, e o segundo, diante da obrigação de atirar no inimigo para evitar que o míssil seja lançado. É nesse espaço que se encontram, se confrontam e se dilaceram os sentimentos: “‘Eu deveria matá-lo, somos inimigos mortais!’, pensava. ‘Mas... esse olhar não carrega nenhum ódio. Ele parece até muito triste. Ele não pode ser um assassino.’” (Vilela, 2012, n.p.). Nessa página dupla, as palavras externadas pelos pensamentos de Fadi ganham nuances mais dramáticas e reflexivas nos rabiscos e contornos

dos rostos dos dois personagens, em que se sobressai a expressividade na cor branca dos olhos em meio ao vermelho carmim que toma quase as duas páginas inteiras.

Nesse cenário fragmentado, de enfrentamento cultural, religioso, político, ideológico e econômico, o autor busca nos anseios anteriores as atividades e responsabilidades atribuídas a eles, a humanização dos personagens, e é exatamente esse elemento que irá quebrar todas as barreiras que a realidade belicosa criou e que os colocou em lados antagônicos.

A obra destaca a tecnologia que distorce a realidade, confundindo o real com o virtual, quando John se questiona se matou crianças: “Será que eu matei dezenas de crianças segundos atrás?”, ele se perguntava, desejando que aquilo não passasse de um jogo, que estivesse apenas passando para uma nova fase. Mas não era” (Vilela, 2012, n.p.). Guerra com jogos digitais. Uma crença na infalibilidade da tecnologia que nem sempre corresponde à realidade e, no caso da guerra, quando essas falhas ocorrem, e elas ocorrem, os resultados são muito mais trágicos do que já seriam nos acertos.

Na trama, os aspectos tecnológicos, as ordens e a frieza desumana do cenário são substituídas por sentimentos de lado a lado. Medo, curiosidade, rebeldia, solidariedade, empatia, coisas completamente humanas e presentes em qualquer lugar e em qualquer cultura. O misto desses sentimentos, paralelamente, coloca em xeque toda a ideologia que se faz necessária para capacitar as pessoas a buscar a aniquilação de outras que nunca viram, mas que também são levadas a desenvolver os mesmos ódios e instintos assassinos e a praticar as mesmas irracionalidades.

A realização dos sonhos, em contraposição com a responsabilidade e possível sentimento de culpa pela morte de outrem, modificou a perspectiva do embate, trazendo-o do campo coletivo para o individual e, conseqüentemente, modificando a perspectiva de atuação dos dois jovens. Na relação entre a obra literária e suas pistas com a história, percebe-se que essa guerra é atual, envolve Oriente e Ocidente, e questiona as razões que levam ao enfrentamento, além de desmistificar a tecnologia como eficiente e capaz de fazer guerra limpa.

A apropriação da história pela literatura e vice-versa no contexto escolar

A simbiose entre história e literatura apresenta ganhos para as duas áreas, colabora na aprendizagem e construção de novos conhecimentos por professores e estudantes e os coloca diante de questões cruciais que são compreender e interpretar fatos históricos e posicionar-se criticamente diante de eventos que impactam a vida de milhares de indivíduos, além de promover um diálogo interdisciplinar e indissociável na realidade e cotidiano das pessoas; conseqüentemente, aproxima professores/as para o planejamento das aulas que têm por motivação conteúdos de história e leitura de livros de literatura. Desse modo, atende anseios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que propõe maior participação ativa de docente e discente na construção de um novo modelo educacional, centrado na formação do cidadão crítico e preparado para as adversidades do mundo atual.

Um dos preceitos da Base está na abordagem de estratégias e práticas de leitura que garantam uma formação leitora competente, capaz de proporcionar diálogos como forma de discussão e mediação de conflitos. Sugere, ainda, que os discentes aprendam os sentidos globais do texto e entendam a relação do texto com o contexto de produção e experimentação de papéis sociais, o que deve ser aprimorado com a participação em discussões orais de temas controversos de interesse da turma e/ou de relevância social.

É sob esta perspectiva que apresentamos a análise das três obras literárias, que têm por tema conhecimentos de aprendizagem do campo da história, a guerra e suas conseqüências, de forma a dar aos/às leitores/as várias dimensões do evento e que podem ser explorados pelos professores da Língua Portuguesa e História nos anos finais ou pelo professor dos anos iniciais. Com o intuito de oferecer mais uma possibilidade de ensino-aprendizagem, de aproximação entre Literatura e História, sobre o que estamos tratando neste escrito, delineamos uma proposta de abordagem em sala de aula a partir do livro *A guerra*, de Jorge Letria.

Começemos pela aula de História. O primeiro passo é aproveitar uma das inúmeras temáticas na história, em que os conflitos devem ser o eixo central da aula. Esse não é um problema difícil de resolver, em qualquer temporalidade e espacialidade que estivermos estudando, desde a antiguidade até a contemporaneidade, seja na história local, regional nacional ou internacional, as guerras terão destaques nos conteúdos estudados. Nossa experiência no campo do ensino de história tem demonstrado que existe um verdadeiro

fascínio dos estudantes do ensino fundamental II pela temática da guerra, especialmente da I e II Guerra Mundial. Esse engajamento tem forte influência das séries e jogos digitais que glamourizam as guerras, sem tratar com o devido cuidado as influências negativas que essa atração representa. A leitura desse livro trará novas reflexões acerca do tema e levará estudantes e professores a refletirem sobre a crueza do que esta representou e representa no passado e no presente.

Na aula de Língua Portuguesa, no caso dos anos finais, o primeiro passo será a leitura da obra, que pode ser em voz alta, silenciosa, protocolada etc. Cabe aqui ao professor planejar a melhor forma de apresentar a obra e realizar a leitura conforme seus objetivos e diálogo com o professor de História. O passo seguinte é promover uma roda de conversa, que pode ser mediada pelos dois professores juntos, de História e Língua Portuguesa, cada um contribuindo com aspectos de sua área, por exemplo: o professor de História pode lançar perguntas ao texto sobre quais guerras o livro está tratando e como os estudantes chegam a essa conclusão, momento que o professor de Língua Portuguesa pode aprofundar ao fazer novas perguntas sobre a construção visual e textual que dão pistas e ajudam nessas respostas.

Para avançar na discussão e promoção de uma visão crítica sobre a guerra, os professores devem elaborar mais questionamentos que partam da materialidade do livro, avancem na análise das ilustrações e do texto verbal – seus vazios e implícitos – para chegar à correlação com as guerras expostas na aula inicial de História. Nesse momento, o professor de História pode direcionar a conversa para alguma guerra específica e trazer novos elementos para a turma ampliar o debate. Por sua vez, o professor de Língua Portuguesa pode apresentar mais obras literárias que tratam do mesmo tema, como as expostas na análise.

É possível que a partir dessas aulas os professores continuem o planejamento juntos, em um projeto de trabalho com o mesmo tema, ou avancem para conteúdos mais específicos, ainda que tenham o mesmo assunto na Literatura e na História. Contudo, independente da opção e sequência a ser dada, o importante é que, ao final, os professores fechem com uma nova roda de conversa, com o objetivo de captar como os estudantes receberam a obra, que elementos encontraram na leitura do livro que relacionam com a temática em destaque na aula de História e, principalmente, com o cotidiano deles. É fundamental que sejam

incentivados à reflexão acerca da atividade realizada, o que pode ser desencadeado pelo questionamento: como a aula de hoje refletiu na sua concepção sobre os conflitos mais particulares e sobre a guerra de uma forma mais ampla?

Dessa forma, relacionando a guerra, vista por alguns estudantes como algo distante e fictício e para outros uma atividade glamourizada, com o conteúdo das aulas de história e, principalmente, com a realidade vivenciada atualmente, a análise sobre qualquer conflito será enriquecida com os detalhes trabalhados nessa aula e com a busca de novas informações e conhecimentos que unam passado e presente. Assim, fica evidente a potencialidade do imbricamento entre a história e a literatura não apenas nas questões relacionadas ao ensino, mas também na produção de conhecimento dessas duas áreas, uma vez que o contexto sócio-histórico possibilita o aparecimento do artista/escritor, influencia as temáticas que este aborda e define o gosto do público leitor.

Considerações finais

Em razão do exposto, pode-se afirmar que a literatura está sempre em movimento, sendo influenciada e influenciando os condicionantes históricos e sociais e influenciando a política e a cultura, criando formas de se ver e ler o mundo e interagir sobre ele. Por sua vez, a contextualização histórica é central para ampliar o entendimento dos cenários descritos e para situar os discentes como agentes sociais. Por isso, os livros e a análise que expomos neste artigo sintetizam a importância dessa interação e reforçam a necessidade de continuarmos aproximando nossas áreas de conhecimento. Essa relação de apropriação, parceria e interdisciplinaridade se torna cada vez mais necessária para o bom desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem em qualquer nível de ensino.

A escolha pela temática da guerra se justificou por ser uma temática que está presente no currículo de história em todos os anos do ensino básico, através de conflitos externos e internos. E a abordagem encontrada nos materiais didáticos dão conta, tão somente, dos aspectos mais gerais, que destacamos no artigo. Desse modo, se faz necessária essa parceria com a literatura para aprofundar o conhecimento e facilitar a compreensão, dos docentes e discentes, acerca dos dramas humanos e dos efeitos deletérios individuais e coletivos causados por conflitos bélicos.

Esperamos que o escrito tenha sensibilizado você, leitor(a), a ponto de retornar à leitura dessas obras, caso elas sejam do seu conhecimento, ou estabeleça uma nova relação,

caso ainda não as conheça. E, ao realizar esse retorno ou novo contato, faça-o na perspectiva de ampliar nossa análise, adaptando-a para sua área de interesse e atuação.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC/SEB, 2018.

FORTES, Antón. **Fumaça**. Tradução Marcos Bagno; Ilustração Joanna Consejo. Curitiba: PR, Ed. Positivo, 2011.

JANSEN, Clifford J. Some sociological aspects of migration. In: JACKSON. **Migration**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969, pp. 60-73.

LETRIA, José Jorge. **A guerra**. Ilustr. André Letria. Lisboa: Pato Lógico, 2018.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. Dorothée de Bruchard (Trad.). São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado: palavras e imagens**. Cid Knipel (Trad.). São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PEREIRA, Danielle C. Mendes. Trauma, literatura e imagem: uma leitura de Fumaça, de Antón Fortes. In: **Anais do XV Congresso Internacional ABRALIC**, 2017. Disponível em https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522245200.pdf. Acesso em: 18 nov. 2024.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

VALENTE, Thiago A.; FERREIRA, Eliane A. Galvão. Guerra no livro ilustrado infantil: A caminho de casa, de Ana Tortosa e Esperanza León. **Caderno Seminal Digital**. n. 35, Vol. 35 (julho-dez. 2020). Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/52653>. Acesso em: 18 nov. 2024.

VALENTE, Thiago Alves. Poesia das sombras: A Guerra, de José Letria. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 45, n. 83, set. 2020. ISSN 1982-2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/14739>. Acesso em: 10 de dez. 2024.

VILELA, Fernando. **Caçada**. São Paulo: SP, Ed. Scipione, 2021.

VILELA, Fernando. **Caçada deslocamentos gráficos**. São Paulo, maio de 2011. Disponível em <http://www.fernandovilela.com.br/vilela/exposicoes/11funarte.html>. Acesso em: 04 maio 2025.

Sobre os autores

Damião de Lima

Professor Titular do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e docente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFPB) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória). Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP) e líder do grupo de Pesquisa A Condição Discente.

E-mail: damiao.lima@academico.ufpb.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1441-5413>

Daniela Maria Segabinazi

Docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e docente do Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL/UFPB) e do Programa Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras). Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e líder do grupo de Pesquisa Jovens e Literatura (JoLi).

E-mail: dani.segabinazi@gmail.com Orcid <https://orcid.org/0000-0002-5344-775X>

Recebido em: 04/07/2025

Aceito para publicação em: 12/08/2025